

BULLYING NA ESCOLA

Alice Gritti, Edilaine Fernandes de Melo, Silvana Pereira Cardoso de Oliveira

Resumo

O presente trabalho procura contribuir para um conhecimento mais aprofundado acerca do bullying escolar, particularmente através da caracterização dos alunos agressores e/ou vítimas, atualmente considerado um problema mundial, encontrado em toda e qualquer escola. Sem a preocupação de efetuar uma revisão exaustiva, espera-se oferecer um pequeno referencial teórico a indivíduos que se preocupam com os níveis atuais de violência que atingem as escolas.

Palavras-chave: bullying, vítimas, agressores, estudantes, escola.

1. Introdução

O abuso de poder é uma prática antiga, pois sempre existiram pessoas que apresentam condutas agressivas ou que exploram os pontos fracos dos demais em proveito próprio. As manifestações de violência em âmbito escolar são diversas: algumas são direcionadas a professores e a funcionários; outras, a alunos. No entanto, há uma forma de violência denominada bullying, normalmente velada, que ocorre geralmente entre os próprios alunos, que vem se difundindo e alcançando proporções preocupantes.

O bullying escolar, ou violência entre pares, é um fenômeno tão antigo quanto prejudicial, que pode deixar marcas profundas na vida de um estudante. Segundo Fante (2002), o bullying não se trata de um episódio esporádico ou de brincadeiras próprias de crianças; é um fenômeno violento que se dá em todas as escolas, e que propicia uma vida de sofrimento para uns e de conformismo para outros.

Os principais prejudicados são as vítimas, que apresentam inúmeros danos, tanto físicos quanto os relacionados ao sofrimento psíquico e a não adaptação à escola (ANTUNES; ZUIN, 2008). Em virtude disso, surge a necessidade de se conhecer melhor o que é o bullying e as principais consequências para aqueles que o sofrem.

2. Bullying

2.1. Definição

A palavra bullying não tem similar em português. Por definição universal, bullying é “um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas (de maneira insistente e perturbadora), que ocorrem sem

motivação evidente, e de forma velada adotado por um ou mais estudantes contra outro(s), dentro de uma relação desigual de poder causando dor, angústia e sofrimento.” (LOPES NETO e SAAVEDRA, 2003; FANTE, 2005).

Entende-se que as principais definições sobre bullying têm suas bases teóricas na questão da agressão e da violência (bully” significa agressor) e existem dois tipos de ações de bullying que estão diretamente relacionados ao conceito de agressão: direta, subdividida em física (bater, chutar, tomar pertences) e verbal (apelidos, insultos, atitudes preconceituosas) e indiretas (ou emocionais), que relacionam-se com a disseminação de histórias desagradáveis, indecentes ou pressões sobre outros, para que a pessoa seja discriminada e excluída de seu grupo social. (LOPES NETO e SAAVEDRA, 2003).

Além da diminuição da autoestima e dos prejuízos no desempenho escolar e nas relações sociais, o bullying pode trazer outras consequências mais graves, como o desenvolvimento de psicopatologias, como a depressão, a fobia social e, até mesmo, a tentativa de suicídio para aqueles indivíduos que são vitimados, assim como a manifestação de Transtorno de Conduta (na adolescência) e o Transtorno da Personalidade antissocial (na vida adulta), e intenções homicidas, para aqueles que se caracterizam como algozes (CONSTANTINI, 2004).

2.2. Principais tipos

Para se tratar de bullying, devem estar presentes as seguintes características: Deve haver uma vítima indefesa atacada por um estudante ou grupo de estudantes e também a presença de poder desigual (desequilíbrio de poder), entre os mais poderosos e os mais fracos. É uma situação desigual à vítima indefesa. Existência de uma ação agressiva repetida durante um longo período de tempo e de forma recorrente. O ataque cria nas vítimas expectativa de ser alvo novamente.

Os diversos formatos de bullying, segundo Silva (2010), são os seguintes:

- Verbal: é o mais comum e envolve apelidar, ofender, zoar, gozar, provocar, humilhar, ridicularizar, insultos e xingamentos principalmente em público, destacando defeitos físicos, etc.

- Físico e material: bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar, furtar ou destruir os pertences da vítima, atirar objetos contra. Ocorre mais frequentemente no ensino fundamental do que nas escolas secundárias.

- Psicológico: Visa minar a autoestima do indivíduo e promover o seu sentimento de medo através de ações como: intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tyranizar e dominar, irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar ou fazer pouco caso, discriminar, aterrorizar e ameaçar, chantagear e intimidar, tyranizar, dominar, perseguir, difamar, passar bilhetes e desenhos entre os colegas de caráter ofensivo, fazer intrigas, fofocas ou mexericos (mais comum entre as meninas).

- Social: Ignorar, discriminar, excluir, visa isolar os jovens da turma e de colegas.

- Sexual: abusar, violentar, assediar, insinuar.

Silva (2010) enaltece as consequências psíquicas e comportamentais do bullying. As agressões desse fenômeno tornam piores os problemas preexistentes, como também, podem surgir novos transtornos psíquicos e/ou comportamentais que, geralmente, acarretam danos irreversíveis.

2.3. Classificação dos envolvidos

De acordo com as maneiras que os estudantes se envolvem com o bullying, eles são classificados em quatro categorias:

– Agressores/autores; São os(as) alunos(as) que só praticam bullying. Os autores são indivíduos que detêm uma posição dominante em um processo de interação no grupo, demonstram pouca empatia com as vítimas, tem necessidade de poder e dominar situações, são contestadores, desobedientes a regulamentos escolares, possuem autoestima reforçada e além disso, são mais fortes do que seus colegas de classe, o que lhes dá vantagem em determinadas brincadeiras, esportes e lutas.

Silva (2010) ressalta que no ambiente escolar, os agressores estão sempre se envolvendo em desentendimentos e discussões com outros alunos ou até mesmo professores. Fazem ameaças, atribuem

apelidos pejorativos, constroem alguns alunos, fazem brincadeiras de mau gosto e pegam materiais de outros colegas sem autorização.

Admite-se que os alunos que praticam o bullying têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos antissociais e violentos (por exemplo, brigas frequentes e lesões relacionadas a estas, porte de armas), podendo vir a adotar, inclusive, atitudes delinquentes e/ou criminosas (LOPES NETO e SAAVEDRA, 2003).

– Alvos (vítimas): São alunos(as) que somente sofrem bullying. Normalmente, não dispõem de recursos, status ou habilidade para reagir ou fazer cessar os atos danosos.

A vítima, por sua vez, tende a ter um perfil típico, que engloba "timidez, ansiedade, insegurança, falta de habilidades para se impor, medo de denunciar seus agressores, baixa autoestima", o que a torna vulnerável. Alguns creem ser merecedores do que lhes é imposto. Têm poucos amigos, são passivos, quietos e não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos (LOPES NETO e SAAVEDRA, 2003; FANTE, 2005).

Em decorrência do bullying, a vítima pode desenvolver ou estimular pensamentos suicidas, isolamento, ansiedade, ira, indignação, rebaixamento ainda maior da autoestima, depressão, medo, traumas, angústia, vergonha, desejo de vingança, problemas psicossomáticos, marginalização, muito sofrimento e aversão à escola.

- Alvos/autores (vítimas agressoras): São os(as) alunos(as) que ora sofrem, ora praticam bullying. São alunos que provocam reações agressivas com as quais não pode lidar e tenta reagir a essas agressões; e, na maioria das vezes, são crianças ou adolescentes hiperativos e impulsivos (SILVA, 2010).

Por fim, a vítima agressora, reproduz os maus tratos que sofreu em outra pessoa mais frágil. Isso contribui para que o bullying ganhe proporções ainda maiores, pois se torna um círculo de comportamentos agressivos. Habitualmente, esses alunos, que passaram por situações de sofrimento na escola, tendem a encontrar afeto entre seus membros.

- Testemunhas: Apesar de não sofrerem as agressões diretamente, os espectadores, ou testemunhas, por razões diversas, assistem à violência, porém nada fazem, mesmo que sejam desfavoráveis ao fato. Podem ser classificados como passivos, quando assumem essa postura em virtude do medo de serem vítimas posteriormente, o que faz com que não defendam as vítimas, mesmo não concordando com as atitudes do agressor. Se a testemunha possuir uma estrutura psicológica abalada, possivelmente sofrerá consequências psíquicas ao presenciar tais cenas (SILVA, 2010).

Já as testemunhas, que mesmo não participando ativamente das agressões, apoiam o agressor, incentivando ou rindo, são consideradas ativas. As testemunhas neutras são as que parecem indiferentes às situações de bullying, não demonstrando qualquer sensibilização em razão do próprio contexto social no qual estão inseridas. Alguns reagem negativamente diante da violação de seu direito a aprender em um ambiente seguro, solidário e sem temores. Tudo isso pode influenciar negativamente sua capacidade de progredir acadêmica e socialmente (LOPES NETO e SAAVEDRA, 2003).

3. Indicativos de bullying escolar

Para se refletir sobre o bullying, é essencial promover a orientação, a conscientização, a discussão a respeito do assunto. A diferença entre um comportamento aceito e um abuso, às vezes, é muito tênue, e cada caso deve ser observado e analisado segundo sua constância e gravidade.

Em geral, aos alvos ficam amedrontados, estressados e com um quadro de baixa autoestima, capacidade mínima de autoaceitação e autoexpressão, podendo até desenvolver doenças de origem psicossomática. Muitos alunos passam a ter baixo desempenho escolar, resistem ou recusam-se a ir para a escola, chegando a simular doenças. Sentem-se infelizes, sofrem com o medo, desenvolvem quadro de depressão e ansiedade. Trocam de colégio com frequência e/ou abandonam os estudos. Há jovens com extrema depressão e que se sentem tão oprimidos que acabam tentando ou cometendo o suicídio. Além disto, podem atingir a vida adulta com os mesmos problemas, tendo dificuldades para se desenvolverem e se adaptarem ao ambiente de trabalho (LOPES NETO e SAAVEDRA, 2003).

A maioria dos pais e os professores são os últimos a saber o que acontece com as crianças. A vergonha ou medo de represálias são as principais razões.

Monteiro (2007), no site *Observatório da Infância*, alerta aos pais quanto aos vários sinais de bullying:

- Mudanças no comportamento do estudante.
- Alterações de humor.
- Tristeza choro ou irritabilidade.
- Pesadelos, alterações do sono e / ou do apetite.
- Dor somática, dores de cabeça, dores de estômago, vômitos.
- Frequência na falta ou diminuição de objetos escolares ou pertences pessoais, óculos, mochila, roupas rasgadas, e assim por diante.
- Aparece com inchaços, hematomas ou arranhões, alegando quedas frequentes ou acidentes.
- Não quer sair, ou não interagem com os colegas.
- Não participa de excursões, visitas da escola.
- Querem ser acompanhados no ingresso e saída da escola.
- Protestam ou se negam ir à escola.

3.1. Papel das escolas e professores em casos de bullying

O melhor ambiente quanto a medidas preventivas a serem adotadas contra o bullying é a escola, local onde tal prática é mais evidente.

Lopes Neto (2005) ressalta que é obrigação dos educadores, profissionais da saúde e familiares atentarem e identificarem possíveis situações de dificuldades entre a criança e/ou adolescente com os jovens de seu convívio social. É papel da escola denunciar toda forma de vitimização e agressão, tanto física quanto psicológica, para que ela se constitua num espaço saudável de aprendizado. O fato de as escolas desconhecerem ou negarem a existência do bullying, pode acarretar problemas que ultrapassam o

âmbito escolar, podendo se estender à esfera familiar e à esfera social, gerando complicações às diversas áreas de funcionamento do indivíduo. Por isso, é necessária a priorização de ações de prevenção nas instituições de ensino, público e/ou privado, objetivando a garantia da saúde e da qualidade da educação.

Para o combate eficaz e seguro do bullying é primordial a participação conjunta de pais e professores. Uma primeira estratégia a ser considerada é a identificação desses casos por parte do corpo docente.

Para a identificação, um primeiro ponto é analisar que papéis os alunos representam, ou seja, como os alunos se envolvem com o bullying. Segundo Fante (2005), há uma série de perguntas (procedimentos interrogativos) para identificar o real papel dos envolvidos. As crianças e os adolescentes devem possuir boa relação com seus colegas de escola, caso contrário, poderá desenvolver sérios riscos à saúde e ao desenvolvimento social, já que o estresse psicossocial está envolvido na saúde do indivíduo. A criança deve ser encorajada a lidar com o problema, fazer amizades com os não envolvidos em bullying e sempre comunicar a alguém caso sofra alguma agressão.

Os professores precisam ser treinados a conhecer o problema e saber como lidar com os alunos envolvidos no processo. Cabem às escolas reconhecer e reduzir o problema.

Os educadores devem avisar e comunicar a direção sempre que ocorre o bullying; promover debate sobre o bullying nas salas; incentivar a pesquisa do tema e apresentar o resultado a todos os alunos.

A colaboração dos professores é muito importante para a identificar esses agressores. O professor tem a autoridade de reprimir alguns comportamentos no espaço escolar e pode alertar os pais quanto às atitudes dos filhos. Em relação às vítimas, a maioria dos pais não consegue identificar se o filho é ou não vítima de bullying, porém essa identificação é necessária para prestar auxílio e não permitir que essa violência interfira no seu desenvolvimento saudável. É significativo, também, atentar para o comportamento de quem é testemunha por estar incentivando o agressor, de forma passiva ou sendo conivente, uma vez que pode contribuir para que esse tipo de comportamento continue ou não no ambiente em que está inserido.

Todos os profissionais do âmbito escolar devem estar engajados no processo, comprometidos com a elaboração e desenvolvimento de debates, palestras, campanhas, trabalhos específicos, parceria com a família e com demais profissionais, dentre outros, para que, futuramente, possam se orgulhar do ambiente sadio e pacífico que estimularam, em decorrência do desenvolvimento de uma vinculação entre cognição e afeto dentro do ambiente escolar

A escola deve ser vigilante para situações que surgem desde o início e não permitir assédio antemão que o aluno terá um parceiro.

3.2. Consequências do bullying escolar

Pereira (2002) destaca que as vítimas de bullying escolar podem vir a ter vidas infelizes, destruídas, sempre sob a sombra do medo; perda de autoconfiança e confiança nos outros; falta de autoestima e autoconceito negativo e depreciativo; vadiagem; falta de concentração; morte (muitas vezes suicídio ou vítima de homicídio); dificuldades de ajustamento na adolescência e vida adulta, nomeadamente problemas nas relações íntimas. As vítimas não são afirmativas e não dominam algumas competências sociais e são distinguidas pela insegurança e receio. São ansiosas e incapazes de reagir por si próprias quando são agredidas. Os indivíduos pequenos que sofrem bullying têm dificuldade de interação e muitas vezes são excluídos socialmente.

Com relação ao agressor, Pereira (2002) relata que aquele pode vir a apresentar vidas destruídas; crença na força para solução dos seus problemas, dificuldade em respeitar a lei e os problemas que daí advêm, compreendendo as dificuldades na inserção social; problemas de relacionamento afetivo e social; incapacidade ou dificuldade de auto controle e comportamento antissociais.

Pereira (2002) enfatiza que os agressores, por sua vez, possuem autoconfiança, não têm medo. Eles apresentam tendências hostis, por causa da vida familiar de permissividade.

Além da diminuição da autoestima e dos prejuízos no desempenho escolar e nas relações sociais, o bullying pode trazer outras consequências mais graves, como o desenvolvimento de psicopatologias,

como a depressão, a Fobia Social e, até mesmo, a tentativa de suicídio para aqueles indivíduos que são vitimizados, assim como a manifestação de Transtorno de Conduta (na adolescência) e o Transtorno da Personalidade Anti-Social (na vida adulta), e intenções homicidas, para aqueles que se caracterizam como algozes (CONSTANTINI, 2004).

Ademais, tanto as vítimas quanto aqueles que apresentam um comportamento mais agressivo não recebem o apoio necessário e adequado. Dessa maneira, ressalta-se a importância de que esses comportamentos agressivos, manifestados pelas crianças e adolescentes, sejam combatidos prioritariamente na escola, uma vez que intervenções corretivas ou terapêuticas, que focalizem a pessoa individualmente, sem trabalhar seu contexto de vida, são ineficientes (GUZZO, 2001).

4. Conclusão

Apesar de tudo o que se tem comentado em todos os meios de comunicação sobre o bullying na escola, não existe uma política clara de intervenção e prevenção deste fenômeno, e nem mesmo é considerado nos processos de avaliação da qualidade da educação no país.

Não devemos confundir esta situação com os altos e baixos típicos que ocorrem nas relações entre os estudantes, especialmente durante a fase de adolescência e pré-adolescentes. Conflitos e relacionamentos difíceis com seus pares, problemas com comportamento ou fenômenos perturbadores de indisciplina, não são problemas reais de violência, embora possam degenerar para eles, se não for resolvido de forma adequada.

A alta frequência de casos de bullying sem intervenções proporciona sérias consequências, isto é, beneficia atitudes antissociais e de contrariedade ou quebra de regras que podem se estender para a vida adulta. Essas consequências ocorrem tanto para os agressores quanto para as vítimas.

Para prevenir e enfrentar possíveis surtos, é conveniente focar no assunto “bullying” de forma clara e parar de considerar como uma etapa normal da vida escolar as piadas, brincadeiras e gozações, pois o que diferencia entre o normal e o bullying é que, no bullying, o assédio moral é maior.

Portanto, não sobram dúvidas de que o fenômeno bullying é capaz de acarretar prejuízo na aprendizagem dos que nele estão envolvidos. Entretanto, como não apenas o campo do conhecimento torna-se comprometido, é necessário que outros profissionais intervenham como um trabalho em equipe, em que cada um deve oferecer uma contribuição eficaz. Evidente que não se trata de algo fácil, não

somente, e principalmente, por se tratar de seres humanos - fato que atinge a individualidade, estruturas familiar, social, educacional arraigadas, etc. - mas porque o próprio fenômeno começou a ser estudado cientificamente há pouco tempo.

Como todo grave problema de saúde pública, o bullying pode ser controlado se detectado e conduzido adequadamente pelos integrantes do seu contexto social, familiar e educacional de forma não isolada.

Referências

- ABRÁPIA – **Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência**. Programa de Redução de Comportamento Agressivo entre Estudantes. Disponível em: <http://www.bullying.com.br>. Acesso em: fev.2012
- ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. **Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação**. Psicologia & Sociedade, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 33-42, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>. >.
- BEUADOIN M; Taylor M. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CONSTANTINI, A. **Bullying: como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens**. São Paulo: Itália Nova; 2004.
- FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2ª ed. Campinas/SP:Veru;2005.
- FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar: Perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed,2008.
- LOPES NETO, A. A. L. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes**. Jornal de Pediatria, 81:164-172.
- LOPES NETO, A. A, SAAVEDRA L. H. **Diga não para o bullying – programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro: ABRÁPIA, 2003.
- MARQUES, A. R.; FERREIRA NETO, C. A., PEREIRA, B. **Bullying no contexto escolar: jogo e estratégias de intervenção**. Cinergis 2005; 6(1):81-95.
- MONTEIRO, L. **Perguntas e respostas sobre bullying**. Disponível em: http://www.observatoriodainfancia.com.br/rubrique.php3?id_rubrique=78.
- PEREIRA, B. **Para uma escola sem violência: Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e Tecnologia. (2002).
- PROGRAMA DE REDUÇÃO DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO ENTRE ESTUDANTES -2005. Disponível em: <www.bullying.com.br>. Acesso em: fev. 2012. Programa desenvolvido pela Abrapia.
- RUOTTI, C.; ALVES, R. **Violência na Escola**. São Paulo: Andhep, 2006.
- SILVA, A. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Fontanar, 2010.
- SILVA, G. J. **Bullying: quando a escola não é um paraíso**. Jornal Mundo Jovem, [S.l.], 364. ed., p. 2-3, mar. 2006. Disponível em: <<http://www.mundojovem.com.br/bullying.php>>.